

## VERBOS DE MOVIMENTO EM *VIDAS SECAS*: UMA ANÁLISE FUNCIONAL-COGNITIVA

### MOTION VERBS IN *VIDAS SECAS*: A FUNCTIONAL COGNITIVE ANALYSIS

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19552

André Vinícius Lopes Coneglian<sup>1</sup>

Pedro Henrique Truzzi de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta uma análise de verbos de movimento na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, com base na tipologia de Talmy (2000) e um modelo funcional-cognitivo de construção gramatical (Croft, 2001). Propõe-se, aqui, a Construção Predicação de Evento de Movimento, que abarca um conjunto de estratégias gramaticais que expressam eventos de movimento. Foram encontrados 87 verbos de movimento na obra. Os resultados das análises mostram preferência pelas estratégias intransitiva e sujeito-obliquo. No plano discursivo, nota-se uma preferência pela construção de instanciação nula definida (Fillmore, 1986). Os resultados, em conjunto, provêm evidência para a relação entre cognição, gramática e texto.

**Palavras-Chave:** movimento; gramática de construções radical; semântica cognitiva

**Abstract:** The paper presents an analysis of motion verbs in the novel *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, based on Talmy's typology (2000) and a functional-cognitive model of grammatical constructions (Croft, 2001). It is proposed here the Motion Event Predication Construction, which covers a set of grammatical strategies that express motion events. A total of 87 movement verbs were found in the study. The results of the analysis show a preference for intransitive and subject-oblique as strategies. On a discursive level, there is a preference for the definite null instantiation construction (Fillmore, 1986). The results together provide evidence for the relationship between cognition, grammar and text.

**Keywords:** motion; radical construction grammar; cognitive semantics

### Introdução

A categorização e a descrição semântica de eventos têm recebido considerável atenção nos campos da semântica cognitiva, da ciência cognitiva e da tipologia linguística. Estão disponíveis descrições robustas sobre eventos de colocação e remoção (Kopecka e Narashimhan, 2012), eventos de postura corporal (Newman, 2002), eventos de transferência (Newman, 1997), eventos de ingestão (Newman, 2009) e eventos de separação de integridade

<sup>1</sup> Doutor. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: coneiglian@ufmg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1726-8890>.

<sup>2</sup> Doutorando. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, *campus* São José do Rio Preto. E-mail: predo.truzzi@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7514-8438>.

material (Majid et al., 2007). Em geral, o interesse de estudos dessa natureza é verificar a variação tanto intra quanto interlinguística, de modo que seja possível determinar o espaço semântico, que organiza as categorias de eventos, e o espaço construcional, no qual se verificam os meios de expressão dessas categorias.

Dentre as categorias de evento estudadas, talvez nenhuma tenha recebido mais atenção que a categoria de eventos de movimento, cuja literatura disponível é extensa demais para ser sumarizada aqui. O grande interesse por eventos de movimento deve-se principalmente à proposição da tipologia de Leonard Talmy (1985) sobre os meios de lexicalização e expressão da semântica de movimento nas línguas naturais. Com base em sua semântica cognitiva, Talmy (1985) investiga os meios linguísticos pelos quais elementos semânticos do evento de movimento, tais como MANEIRA<sup>3</sup> de movimento e PERCURSO, se expressam nas línguas naturais. Esse exercício tem natureza essencialmente onomasiológico (cf. Lehman, 2011), em que Talmy parte de uma zona semântica, a de movimento, para investigar os seus meios de expressão nas línguas naturais.

O estudo que ora se apresenta foca, também, nos verbos de movimento do português brasileiro, analisando-os sob uma perspectiva funcional-cognitiva, com o objetivo de descrever as construções gramaticais que instanciam esses tipos de verbos. O exame se faz com base na ocorrência desses verbos na obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (2013). A escolha por essa obra explica-se principalmente pelo fato de que ela narra a vida de uma família de retirantes no contexto da seca nordestina brasileira na década de 1930. Dado o seu conteúdo, previu-se que haveria, em abundância, verbos de movimento no texto – o que se confirmou, como se discutirá na seção 3.

No contexto teórico de uma linguística funcional-cognitiva, defende-se que uma análise dessa natureza necessariamente prevê a triangulação de três elementos, cognição (mente), gramática (codificação) e texto (uso). Busca-se mostrar, aqui, que a articulação entre esses três elementos na condução de tarefas analítico-descritivas apresenta algumas implicações teórico-metodológicas. A principal dessas implicações que se desenvolve neste artigo, por meio da análise das construções gramaticais que instanciam verbos de movimento, diz respeito ao modo pelo qual construções gramaticais interagem entre si na composição de enunciados. A análise das construções gramaticais e do seu modo de interação segue os princípios da Gramática de

---

<sup>3</sup> Neste artigo, utiliza-se a VERSALETE para termos que denotam elementos semânticos.

Construções Radical (Croft, 2001, 2022), um modelo funcional-cognitivo de gramática construcional.

Nesse modo de condução, a hipótese que se busca defender, aqui, é a de que a conceptualização dos elementos ligados a eventos de movimento se conforma a processos ligados à organização textual-discursiva. Assim, tanto os verbos de movimento quanto as construções gramaticais que se observam na obra *Vidas Secas* (2013), de Graciliano Ramos, são instanciações das conceptualizações semânticas dos eventos de movimento regradas por processos de organização textual. Esse regramento não altera o fato de que o português brasileiro é uma língua que privilegia o modo de expressão *verb-framing* (Talmy, 2007) (conferir seção 1), isto é, uma língua que expressa os elementos semânticos do evento de MOVIMENTO na raiz do verbo. No entanto, esse regramento pode, sim, afetar o modo pelo qual os componentes semânticos associados à conceptualização do MOVIMENTO são expressos na constituição do texto. Daí a necessidade de se articular, no plano teórico, a relação entre cognição (mente), gramática (codificação) e texto (uso).

Essa proposta se constrói na esteira do que desenvolveram principalmente Berman e Slobin (1994) e Slobin (1996a, 1996b, 2004a, 2004b, 2006). Esses autores desenvolveram uma proposta verdadeiramente funcional-cognitiva para a análise dos verbos de movimento, uma vez que examinaram as propriedades tipológicas de diferentes línguas como um fator condicionante para a constituição de discursos narrativos.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 1, apresentam-se os fundamentos teóricos da linguística funcional-cognitiva, com o recorte específico para a relação entre cognição, uso e gramática; a seção 2 apresenta a tipologia dos verbos de movimento, com base em Talmy (1985, 2000, 2007) e em Slobin (1996a, 1997, 2004a, 2004b, 2006) das construções gramaticais em que se instanciam esses verbos (Croft, 2022) e faz um apanhado do estado da arte sobre os verbos no português brasileiro; a seção 3 apresenta a metodologia do trabalho; a seção 4 apresenta as análises.

## **1 A Linguística Funcional-Cognitiva: em direção à verbalização da experiência**

No campo da Linguística Funcional, nem sempre é tranquilo estabelecer limites bastante claros entre modelos teóricos. Langacker (1999), por exemplo, aloca dentro do guarda-chuva da Linguística Funcional tanto o funcionalismo quanto a linguística cognitiva. Numa direção semelhante e com um embasado exame histórico, Pinheiro e Ferrari (2020) partem do pressuposto de que Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções

são modelos teóricos mutuamente compatíveis, apresentando inúmeras sobreposições teóricas e metodológicas. O exercício metateórico (e até mesmo filosófico) de buscar por uma organização conceitual e operacional de modelos teóricos é absolutamente legítimo e necessário. Afinal, são teorias, no sentido etimológico da palavra, que permitem aos investigadores configurar sistemas conceituais, construir hipóteses e testá-las.

Na literatura há importantes obras que discorrem sobre a configuração teórico-metodológica de modelos de linguagem funcional-cognitivos (Tomasello, 1992, 1998, 2005; Nuyts, 2007, dentre outros). Destacam-se, aqui, duas premissas básicas dessa orientação.

- 1) No que diz respeito à cognição, assume-se que habilidades cognitivas humanas são de domínio geral, não restritas apenas à habilidade linguageira, isto é, são habilidades que permitem aos indivíduos desempenhar um conjunto de tarefas cognitivas e culturais, uma das quais é a comunicação e a interação por meio da linguagem (cf. Tomasello, 2005).
- 2) No que diz respeito à gramática, o processo de categorização das construções gramaticais é, por natureza, indutivo, na medida em que os usuários das línguas naturais fazem generalizações com base na instância de construções que compõem a estrutura dos enunciados (cf. Croft, 2020).

Essas duas premissas são desenvolvidas a seguir, com a finalidade de mostrar que, em última instância, elas estão na base dos mecanismos de **verbalização da experiência**.

Como se anunciou na Introdução, do ponto de vista teórico, este artigo busca esboçar uma possível relação entre **cognição, gramática e texto**. Esses três elementos são centrais numa teoria funcional-cognitiva de linguagem, mas modelos teóricos específicos se diferenciam na medida em que atribuem a cada um desses elementos valores descritivos e explicativos<sup>4</sup>. Teorias mais cognitivamente orientadas descrevem a gramática de uma língua natural explicando-a por meio de processos e domínios cognitivos imbricados na sua constituição. Esse é o caso, por exemplo, da proposta da Gramática Cognitiva, de Langacker (1987), e da Semântica Cognitiva, de Talmy (2000). Teorias mais funcionalmente orientadas descrevem a gramática de uma língua natural explicando-a por meio de processos textuais e domínios discursivos aos quais servem a estrutura linguística. São exemplos desse tipo de

---

<sup>4</sup> Para uma exposição da epistemologia funcionalista e os comprometimentos teóricos de diferentes modelos funcionalistas, veja-se Módolo e Coneglian (2020).

proposta, o funcionalismo de Neves (2006, 2011), de Givón (1981, 1995) e de Lehmann (2011), dentre outros.

Em uma teoria funcional-cognitiva, esses dois tipos de explicação devem coexistir e devem, acima de tudo, se influenciar mutuamente. Caso contrário, afirmações contundentes sobre a natureza funcional e cognitiva da linguagem podem não ter base empírica suficiente (cf. Dabrowska, 2016).

Neste artigo, defende-se que uma teoria funcional-cognitiva de linguagem deve estar centrada na **verbalização da experiência**<sup>5</sup> (Chafe, 1976, 1977, 1994, 2002, 2005), e é a verbalização que amarra os três elementos que são relevantes aqui, cognição, gramática e texto.

Em linhas gerais, “verbalização” é o processo pelo qual o conhecimento não verbal é empacotado na linguagem, neste caso, a linguagem verbal (Chafe, 1977). A “experiência” diz respeito ao conhecimento não verbal que é empacotado<sup>6</sup> na linguagem. Fica pressuposta, por essa formulação, uma separação necessária entre linguagem e experiência. Nessa medida, a linguagem não é uma representação exata da experiência, mas a evoca. Isso significa que a experiência que se verbaliza não apresenta um empacotamento único e inequívoco, antes pesa sobre os ombros dos falantes fazer o recorte, por meio da linguagem, dos aspectos da experiência que se pretende verbalizar. A esse respeito, Slobin (1996, p. 75) afirma que:

O mundo não apresenta “eventos” e “situações” que serão empacotadas na linguagem. Antes, as experiências passam pelo filtro da linguagem para se tornarem eventos verbalizados. Um “evento verbalizado” é construído *on-line*, no processo da fala.<sup>7</sup>

Tomando-se por base Chafe (1977) e Slobin (1996a), pode-se dizer que o que faz com que essa concepção de **verbalização da experiência** seja verdadeiramente funcional e cognitiva é o fato de ela vir enquadrada não só pela dimensão sociocognitiva da experiência (a face cognitiva) mas principalmente pela dimensão sócio-interacional do uso da linguagem (a face funcional). Explicitem-se essas duas dimensões.

No que diz respeito à dimensão sociocognitiva, um aspecto fundamental ligado a esse entendimento de verbalização da experiência são as operações de *construal*, isto é, operações pelas quais o falante seleciona os aspectos da experiência que serão empacotados

---

<sup>5</sup> Uma concepção semelhante é encontrada em Slobin (1996a), que usa o termo “pensar para falar” (*thinking for speaking*). Para os propósitos deste artigo, é irrelevante cotejar as propostas de Chafe e de Slobin, interessa mostrar apenas que elas são convergentes.

<sup>6</sup> Cf. Chafe (1976, p. 28).

<sup>7</sup> Tradução destes autores. Texto original: “The world does not present “events” and “situations” to be encoded in language. Rather, experiences are filtered through language into verbalized events. A “verbalized event” is constructed on-line, in the process of speaking”.

linguisticamente. Na visão tradicional cognitivista (Langacker, 1987), *construal* diz respeito aos diferentes modos pelos quais uma cena (ou experiência) pode ser conceptualizada. Nessa visão, o significado de uma expressão linguística depende tanto do conteúdo conceptual evocado quanto do modo pelo qual esse conteúdo é construído. Fora dessa equação está o fator interacional, uma vez que a construção da experiência se faz para fins de comunicação. Aí entra a reformulação dessa noção apresentada por Croft e Cruse (2004, p. 19), para quem a *construal* depende da conceptualização da experiência “a ser comunicada, para o entendimento do ouvinte”. Se o falante e o ouvinte assumem papéis centrais na *construal*, tem-se aí a porta de entrada para a dimensão funcional no processo de verbalização da experiência.

Se a experiência é empacotada na linguagem para fins de comunicação, ela vem empacotada na forma de textos e de enunciados, não na forma de construções gramaticais. O texto é o próprio produto no qual podem ser encontradas as experiências empacotadas linguisticamente. O texto é, nessa medida, “a maior unidade de funcionamento da língua” (Neves, 2011), e a sua produção acontece sempre em situações concretas (e até virtuais) de interação verbal, na qual falante e ouvinte estabelecem contratos de cooperatividade para alcançarem um objetivo em comum (Clark, 1996). Assim, o empacotamento da experiência na linguagem, na forma de textos (e enunciados) é sempre governado pela cooperatividade entre falante e ouvinte e pela finalidade da interação que estabelecem entre si.

Dos três elementos que precisam ser equacionados numa teoria funcional-cognitiva de linguagem, falta ainda considerar a **gramática** e o papel que ela desempenha no processo de verbalização da experiência.

Nessa visão, a gramática não se resume a um conjunto de morfemas e a um conjunto de regras combinatórias de palavras (ou seja, ela não é só morfossintaxe), mas é o próprio mecanismo pelo qual se constrói linguisticamente a experiência para fins de comunicação. Assim, “as conceptualizações da experiência encontradas na gramática são relevantes para a comunicação, e não são necessariamente relevantes para outras atividades cognitivas”<sup>8</sup> (Croft e Cruse, 2004, p. 73). Nesse entendimento, a gramática é uma entidade que se submete a motivações cognitivas e funcionais (cf. Dubois, 2014), entendimento este que não entra em conflito com a assunção de que as gramáticas das línguas naturais apresentam propriedades que as organizam como sistema semiótico.

---

<sup>8</sup> Tradução destes autores. Texto original: “the conceptualization of experience found in grammar is relevant for communication, but not necessarily relevant for other cognitive activities”.

Para ilustrar esse último ponto, tome-se o caso dos verbos de movimento, fato empírico que será analisado mais adiante neste artigo. É bem estabelecido na literatura que o português – e as línguas românicas, de uma maneira geral – são línguas *verb-framing* (Talmy, 2007; Slobin, 1997), isto é, são línguas que lexicalizam na raiz do verbo algum componente semântico associado a MOVIMENTO. O fato de o português ser uma língua *verb-framing* apresenta um conjunto de consequências para o modo pelo qual eventos de movimento são empacotados. Por exemplo, em português, a expressão de modo de movimento, em geral, é feita por meio de um verbo no gerúndio, *atravessando*, como se vê em (01), ou por meio de um sintagma preposicionado de função adverbial, *aos pulos*, como se vê em (02).

- (01) Voltou, *circulou* a casa [atravessando] o cercadinho do oitão, entrou na cozinha...<sup>9</sup>
- (02) A cadelinha *chegou-se* [aos pulos], cheirou-o, lambeu-lhe as mãos e acomodou-se.

Essas são restrições impostas pelo sistema convencional da gramática do português. No entanto, na construção dos textos, o falante pode ou não os acionar, segundo os seus objetivos comunicativos compartilhados com o ouvinte. Adiante-se, nesse ponto, que, no caso de *Vidas secas*, há pouquíssimos casos de expressão de modo de movimento por meio de uma forma verbal gerundiva, como em (01). Esse fato se explica, pelo menos em parte, pelo estilo de Graciliano Ramos, que constrói uma obra de linguagem ‘seca’.

Diante desse cenário, uma pergunta legítima de se fazer é: quais as consequências de se triangular cognição, gramática e texto, para a descrição de fenômenos linguísticos particulares? Com as análises que se desenvolverão na seção 4, espera-se mostrar que as construções gramaticais em que entram os verbos de movimento refletem escolhas de verbalização da experiência.

## 2 Eventos de movimento: elementos semânticos e propriedades construcionais

Como foi dito na Introdução, a conceptualização de MOVIMENTO e sua codificação linguística têm recebido considerável atenção nos estudos linguísticos, sob as mais diversas óticas de análise, como semântica lexical (p.e., Levin, 1993; Amaral, 2013; Meirelles, 2016) e semântica cognitiva (p.e., Talmy, 2000). Particularmente nessa última linha, para o português,

---

<sup>9</sup> Nas ocorrências, usa-se o itálico para destacar o verbo de movimento e os colchetes para destacar elementos construcionais.

destacam-se as pesquisas de Ferrari (2024), que analisa o verbo *ir* no arcabouço da Gramática Cognitiva (Langacker, 1987) e de Bartoréo e Ferrari (2016), que revisitam a tipologia de movimento talmiana com base numa análise de verbos de movimento costeiro.

Merece ser mencionado, também, o estudo pioneiro de Rehfeldt (1980) sobre a polissemia dos verbos de movimento em português. Com base na análise de dicionários, o autor propõe uma lista de 157 verbos de movimento para o português. Essa lista foi o ponto de partida das análises que se apresentarão adiante neste artigo, como se explicará na seção 3.

## 2.1 A conceptualização e os aspectos semânticos de MOVIMENTO

Um dos corolários da proposta que se desenvolveu na seção 1 é o de que se deve distinguir o que são propriamente conceitos não linguísticos, que compõem a cognição geral, de conceitos linguísticos, que são aqueles que se incorporam à estrutura semântica de línguas particulares (cf. Malt, 2020; Enfield, 2023). No que concerne ao território observacional deste artigo, os verbos de movimento, a distinção entre esses dois tipos de conceitos pode ser muito bem estabelecida.

Do ponto de vista estritamente conceptual, a experiência de movimento se define pela conceptualização de uma entidade factiva que ocupa subsequentes pontos do espaço em subsequentes pontos do tempo, deslocando-se do ponto A para o ponto B de um trajeto. A trajetória, por sua vez, compreende três trechos que podem ser, alternadamente, (ou todos simultaneamente) colocados em evidência pelo uso de determinadas estratégias em um enunciado: a origem do movimento, o percurso por onde a entidade movente se desloca, e o destino do deslocamento.

Do ponto de vista linguístico, essa configuração deve ser especificada. Por exemplo, os trechos compreendidos na trajetória podem corresponder a casos semânticos e/ou gramaticais, como o caso ablativo (origem), o perlatoivo (percurso) e o alativo (destino). Ocorre que nem todas as línguas dispõem desses casos para a expressão de trechos da trajetória, no entanto, é seguro afirmar que a experiência desses três pontos pode ser universalmente reconhecida pelas diferentes culturas<sup>10</sup>.

Os conceitos ‘origem’, ‘percurso’ e ‘destino’ são conceitos-I, na terminologia de Enfield (2023), ao passo que os conceitos ‘ablativo’, ‘perlatoivo’ e ‘alativo’ são conceitos-L. Para o autor, conceitos-I são interiores, individuais e imagísticos, e conceitos-L configuram rótulos

---

<sup>10</sup> Evidências para a universalidade dessa experiência pode ser encontrada em Levinson (2003, cap. 4).

linguísticos que fazem a mediação entre agentes cognitivos, os usuários de uma língua natural<sup>11</sup>. Certamente ‘origem’, ‘percurso’ e ‘destino’ podem se configurar como conceitos-L, desde que sirvam para a mediação acional por meio da linguagem, não simplesmente para a representação interna, individual da experiência.

No que tange aos conceitos-L, Talmy (1985<sup>12</sup>) propôs uma tipologia original para a expressão de elementos semânticos em verbos que codificam eventos de movimento. Em primeiro lugar, Talmy (2000) identificou os seguintes elementos como componentes de um evento de MOVIMENTO: a) a entidade FIGURA (*figure*) que se move, b) o PERCURSO (*path*) de movimento, c) a MANEIRA (*manner*) de movimento) e d) o MARCO (*ground*) físico com relação ao qual a FIGURA se movimenta.

A proposta é a de que diferentes elementos semânticos encontram diferentes meios de expressão em diferentes línguas. A sistematização inicial da tipologia apresenta uma distinção entre línguas *verb-framing* (VF) e *satellite-framing* (SF)<sup>13</sup>. As línguas que se enquadram nesta tipologia, que é o caso das línguas germânicas em geral, como diz Talmy (2000), o elemento semântico de MANEIRA (*manner*) é expresso pelo verbo, ao passo que o elemento PERCURSO (*path*) é expresso por um satélite. Por outro lado, as línguas que se enquadram naquela tipologia, que é o caso das línguas românicas em geral, como diz Talmy (2000), o elemento semântico de PERCURSO tende a ser expresso pela raiz verbal. Ilustrem-se esses dois tipos de *framing* com ocorrências do *corpus* deste trabalho: em (03), o verbo *subir* é um verbo que, na raiz, codifica a direção (para cima), enquanto em (04), o verbo *correr* é um verbo que, na raiz, codifica a maneira pela qual o movimento é realizado.

(03) Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de *subir* [o morro], viver uns dias no morro, como preás.

(04) A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo *corria* [para o bebedouro].

Inúmeros trabalhos revisitaram e expandiram a tipologia proposta em Talmy (1985, 2000, 2007). Resenhar esses trabalhos está além do presente objetivo, mas, para os propósitos

---

<sup>11</sup> Há ainda que se considerar que *ablativo*, *perlatoivo* e *alativo* são termos metalinguísticos, isto é, termos que designam categorias linguísticas. A metalinguagem e conceitos metalinguísticos são conceitos-L, mas um conceito não precisa ser metalinguístico para ser um conceito-L, basta ser um conceito se configura em algum sistema linguístico.

<sup>12</sup> Talmy (1985) representa a versão mais difundida da proposta, e em Talmy (2000, 2007), encontram-se extensões e revisões da proposta de Talmy (1985).

<sup>13</sup> Esses termos são usados em português sem uma tradução específica. Por esse motivo, escolheu-se manter a terminologia original em língua inglesa, valendo-se das siglas VF e SF, respectivamente.

deste trabalho, é relevante apontar que: (i) a distinção VF e SF não é absoluta, mas é uma questão de grau (Berman e Slobin, 1994; Slobin, 1996b); (ii) se o enquadramento em VF e SF é uma questão de grau, as línguas românticas, particularmente o espanhol (Aske, 1989) e o português (Bartoréo e Ferrari, 2016) não são exclusivamente VF; (iii) a tipologia de Talmy não é uma tipologia sobre a codificação de eventos, mas, sim, sobre as construções de que as línguas dispõem para a codificação de diferentes eventos (Croft et al., 2010).

Esses três pontos têm sido discutidos em modelos teóricos diferentes, mas sob o mesmo guarda-chuva funcional-cognitivo. Na seção a seguir busca-se traçar um perfil construcional dos verbos de movimento no português brasileiro.

## 2.2 Construções gramaticais de eventos de movimento em português

Na linha do que se vem construindo até este ponto, a investigação dos verbos de movimento em português é essencialmente uma investigação construcional, isto é, uma investigação que dirige a atenção às construções gramaticais que expressam elementos semânticos de movimento. Para se delimitar as construções gramaticais, nesta seção, invoca-se o modelo da Gramática de Construções Radical, de Croft (2001, 2022), um modelo, na essência, funcional-cognitivo<sup>14</sup>.

Muito genericamente, pode-se definir que uma construção gramatical são pareamentos simbólicos, de forma (fonológica e morfossintática) e função (semântico-pragmática e discursiva). Uma construção pode variar quanto a sua complexidade, propriedade ligada à forma, e quanto a sua esquematicidade, propriedade ligada à função (Croft, 2004). Quanto à complexidade, uma construção é **complexa** se é formada por mais de uma parte componente; em contrapartida, uma construção formada de apenas uma parte componente, como é o caso dos tradicionais morfemas, é caracterizada como **atômica**. Quanto à esquematicidade, uma construção tende a ser **mais esquemática** (e, portanto, **menos substantiva**) se as partes componentes são regras gerais de combinação; em contrapartida, uma construção mais substantiva (e, portanto, menos esquemática) é aquela cujas partes componentes já vêm especificadas ou fixadas por algum tipo de expressão lexical ou funcional. Enquanto a complexidade/atomicidade são propriedades disjuntivas (uma construção ou é complexa ou é atômica), a esquematicidade/substantividade são propriedades escalares.

---

<sup>14</sup> Veja-se Coneglian (2021) para uma análise da proposta construcionista de Croft.

A proposta que se faz, aqui, é de que as predicções com verbos de movimento sejam tratadas como **Construção Predicação de Evento de Movimento** (CEM), cuja definição é oferecida em (05).

(05) **Construção Predicação de Evento de Movimento** (CPEM): uma construção oracional cujo núcleo é um verbo que denota um evento de movimento.

Essa definição é abrangente o suficiente para acomodar a variedade de estratégias empregadas na expressão dessa construção. Por se tratar de uma construção oracional, tem-se uma predicção, a qual evoca argumentos que são expressos por sintagmas argumentais. Assim, se se considerar a ocorrência em (04) – “o gado miúdo *corria* para o bebedouro” –, pode-se dizer que a construção na base desse enunciado é a CPEM, cujo núcleo é o verbo *correr* e cujos sintagmas argumentais são “o gado miúdo” e “para o bebedouro”. O primeiro argumento é realizado por meio de um sintagma nominal e o segundo, por meio de um sintagma oblíquo. A mesma análise pode ser feita para a ocorrência (03) – “os moradores teriam de *subir* o morro”. Mas, diferentemente de (04), ambos os sintagmas argumentais são expressos por sintagmas nominais.

Note-se, então, que nas duas ocorrências verifica-se a CPEM, mas o meio de realização dessa construção é diferente em cada um dos casos. É relevante, então, invocar a noção de **estratégia**, uma construção gramatical que apresenta propriedades morfossintáticas particulares (Croft, 2022). Nesse sentido, pode-se dizer que uma construção gramatical está em relação hierárquica com uma estratégia. As estratégias são expedientes concretos da realização de uma construção.

A definição de CPEM em (05) não apresenta nenhuma particularidade formal quanto ao meio de expressão construcional, para além da especificação “oracional” e do preenchimento do núcleo por uma forma verbal. São as estratégias que, nesse caso, apresentam padrões gramaticalmente especificados, segundo as restrições sistêmicas do português.

A estratégia em (03) recruta o padrão de uma **construção transitiva**, mas ainda não se pode dizer que é, de fato, uma construção transitiva, uma vez que o complemento objeto direto “o morro” não se submete às mesmas propriedades de “o vaso” em “A criança quebrou o vaso”.

No caso de (04), a questão é mais sutil. A tradição gramatical do português apresenta duas análises para o verbo *correr*: em uma análise, o verbo correr é intransitivo; noutra, ele é um verbo transitivo que pede complemento circunstancial. Uma análise construcional, nos moldes como se apresenta aqui, prescinde dessa resolução. O padrão construcional que se

observa em (06) pode ser chamado de **estratégia sujeito-obliquo**, uma construção com dois argumentos, um dos quais é codificado por meio de um sintagma oblíquo (Croft, 2022, p. 214).

Nesse ponto é necessário fazer uma ressalva. Na tradição dos estudos sintáticos do português não é comum que se trate a construção transitiva como uma estratégia, nos termos construcionistas desenvolvidos aqui. Ocorre que simplesmente dizer que “Os moradores subiram o morro” é uma instância de uma construção transitiva tal como o é “A criança quebrou o vaso” é um “oportunismo metodológico”, nos termos de Croft (2001), uma vez que os sintagmas argumentais que instanciam os complementos dessas duas predicções comportam-se radicalmente diferente. Para Croft (2022), os eventos de movimento apresentam baixíssima transitividade. Esses eventos podem ser bivalentes, isto é, compõem-se com dois participantes, como é o caso de (03) e (04), mas ambos os participantes apresentam a mesma saliência. Isso significa que, para a expressão desses eventos, construções gramaticais podem ser recrutadas de outros domínios, como se viu com o caso da construção transitiva como uma estratégia para a expressão do evento denotado pelo verbo *subir*.

Essas questões serão desenvolvidas na seção 4, com as análises dos dados. Apresente-se, na próxima seção, a metodologia do trabalho.

### **3 Metodologia e materiais de análise**

Em sua essência, o estudo que se apresenta aqui se enquadra naqueles estudos sobre a categorização de eventos, como se indicou na Introdução. Tradicionalmente, no campo da ciência cognitiva e da semântica cognitiva, dois tipos de evidências são considerados: evidências de natureza experimental e evidências descritivas encontradas em gramáticas de referências (Majid *et al.*, 2004). No que diz respeito aos verbos de movimento, há pouca evidência experimental de elicitación, apesar de haver inúmeros experimentos psicolinguísticos que testam hipóteses descritivas (por exemplo, Lukassek *et al.*, 2017). Cada um desses tipos de evidência apresenta uma parcela da ‘realidade’ sociocognitiva da categorização de eventos (cf. MacWhinney, 2005).

Para este estudo, fez-se a opção por analisar a ocorrência de verbos de movimento no discurso naturalmente produzido, na linha de Berman e Slobin (1994) e Slobin (1997). Uma das vantagens de análises com base em ocorrências é o fato de que, como diz Berman (2008), no texto pode-se verificar o funcionamento de processos cognitivos e interacionais concomitantemente.

Nesse sentido, escolheu-se a obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (2013), escolha esta que se justifica pela hipótese, confirmada, de que uma obra que tematiza a história de retirantes em processo de migração em busca de meios de sobrevivência suscita uma maior diversidade de verbos de movimento.

Para a identificação dos verbos de movimento na obra, partiu-se da lista previamente estabelecida por Rehfeldt (1980), em seu estudo pioneiro sobre a polissemia desses verbos no português brasileiro. A lista apresenta 157 verbos e pode ser consultada no Apêndice deste artigo. Dos 157 verbos da lista, 87 foram encontrados na obra *Vidas secas*. O Quadro 1, a seguir, apresenta a lista de verbos encontrados na obra e o seu número de ocorrências.

Quadro 1 – Verbos de movimento e seu número de ocorrência em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, com base na lista de Rehfeldt (1980)

verbo	n.	verbo	n.	verbo	n.	verbo	n.
<i>abalar</i>	1	<i>chegar</i>	44	<i>levantar</i>	35	<i>rolar</i>	5
<i>abandar</i>	2	<i>circular</i>	2	<i>levar</i>	13	<i>roçar</i>	3
<i>adiantar</i>	4	<i>correr</i>	16	<i>marchar</i>	8	<i>sacudir</i>	9
<i>afastar</i>	20	<i>cruzar</i>	4	<i>mergulhar</i>	3	<i>sair</i>	29
<i>alcançar</i>	13	<i>curvar</i>	2	<i>mexer</i>	12	<i>saltar</i>	11
<i>andar</i>	37	<i>dançar</i>	1	<i>montar</i>	5	<i>seguir</i>	5
<i>apear</i>	1	<i>descer</i>	14	<i>mover</i>	6	<i>soltar</i>	7
<i>apressar</i>	2	<i>desviar</i>	6	<i>mudar</i>	5	<i>subir</i>	14
<i>arrastar</i>	10	<i>dirigir</i>	11	<i>partir</i>	2	<i>tocar</i>	8
<i>arredar</i>	1	<i>dobrar</i>	1	<i>passar</i>	25	<i>torcer</i>	1
<i>arremessar</i>	1	<i>elevar</i>	1	<i>passear</i>	1	<i>tornar</i>	1
<i>atingir</i>	2	<i>encaminhar</i>	5	<i>pender</i>	4	<i>transportar</i>	1
<i>atirar</i>	9	<i>engatinhar</i>	1	<i>penetrar</i>	2	<i>trazer</i>	10
<i>atravessar</i>	12	<i>entortar</i>	1	<i>percorrer</i>	3	<i>tremar</i>	6
<i>avançar</i>	2	<i>entrar</i>	23	<i>prossequir</i>	2	<i>trépar</i>	7
<i>baixar</i>	13	<i>equilibrar</i>	4	<i>pular</i>	3	<i>vacilar</i>	1
<i>balançar</i>	6	<i>escorregar</i>	3	<i>rebolar</i>	1	<i>vergar</i>	1
<i>boiar</i>	1	<i>estender</i>	4	<i>recuar</i>	6	<i>viajar</i>	2
<i>cair</i>	24	<i>estremecer</i>	6	<i>regressar</i>	3	<i>vir</i>	22
<i>cambaleiar</i>	1	<i>inclinarse</i>	6	<i>remexer</i>	6	<i>virar</i>	17
<i>caminhar</i>	11	<i>ir</i>	17	<i>retirar</i>	10	<i>voltar</i>	29
<i>cercar</i>	1	<i>lançar</i>	2	<i>rodar</i>	1		

Fonte: autoria própria.

Para a identificação desses verbos e a recolha das ocorrências deles no texto da obra, seguiram-se os seguintes passos. Para a preparação do material, o texto digital em formato .pdf foi transformado em um documento formato .txt UTF-8. Em um editor de texto, os pesquisadores fizeram a segmentação do texto em sentenças, unidades que iniciam com letra maiúscula e terminam com um ponto final, de interrogação ou exclamação. Em seguida, o arquivo passou pelo software de lematização automática UDPipe (Straka et al. 2016), segundo o modelo do dataset Bosque-UD v.2.6 (Rademaker et al., 2017). O arquivo com a lematização

foi importado no Google Collab e um código simples em Python foi rodado para recolher os verbos e as ocorrências do texto de *Vidas secas*.

As ocorrências e os verbos foram colocados numa planilha, na qual foi conduzida uma tarefa de anotação semântica simples, com as categorias semânticas descritas neste artigo, pelos dois autores, que têm experiência tanto teórica quanto prática de anotação<sup>15</sup>.

#### 4 Análise dos dados e discussão dos resultados

As análises e discussão iniciam-se (seção 4.1) pela discussão da tipologia semântica proposta por Talmy (1985, 2000, 2007), que distingue verbos que incorporam o PERCURSO ou a MANEIRA. Os resultados mostram que há uma predominância, dentre os 87 verbos, de verbos que incorporam maneira de movimento, no entanto, esses verbos apresentam baixo número de ocorrências no texto da obra. A seguir (seção 4.2), são examinadas as construções gramaticais que instanciam verbos de movimento. A análise se concentra nos verbos que incorporam o PERCURSO (*path-incorporating*) e nos que incorporam a MANEIRA do deslocamento (*manner-incorporating*). Os resultados mostram uma conformidade apenas parcial do português às previsões tipológicas (Croft, 2022).

##### 4.1 Natureza e tipologia semântica dos verbos de movimento

Neste primeiro subtópico, analisa-se a natureza do movimento entre verbos de movimento auto-contido e de movimento translacional, o que concerne a maneira como se comportam no espaço de deslocamento. Em sequência, entra em foco a tipologia do evento, que pode ser de incorporação de PERCURSO (*path-incorporating*), de incorporação de MANEIRA (*manner-incorporating*), um outro caso de incorporação de MARCO (*ground*) e casos particulares de ausência de semântica adicional ou mesmo semânticas combinadas.

Por movimento auto-contido, entende-se que a entidade movente está em movimento, mas não se desloca no espaço, isto é, não há um ponto de partida A e um ponto de chegada B. Por essa razão, é menos provável a presença de um PERCURSO na forma de um satélite (embora não pareça impossível, mas não foram encontradas ocorrências nos nossos dados). A ocorrência (6) ilustra um caso de verbo de movimento auto-contido, e em (7) vê-se a tendência reduzida (ou impossibilidade) de um satélite aparecer.

---

<sup>15</sup> O dataset pode ser consultado em Coneglian e Truzzi de Oliveira (2025).

- (06) Sinha Vitória, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça.
- (07) Sinha Vitória, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava (para algum lugar/de algum lugar/por algum lugar\*) o baú de folha na cabeça.

Na amostra, 17 verbos de movimento auto-contido são encontrados. São eles *abalar, abanar, balançar, entortar, equilibrar, estremecer, inclinar, mexer, pender, rebolar, roçar, sacudir, torcer, tremer, trepar, vacilar e vergar*. Para classificá-los dessa forma, nota-se que alguns são verbos de movimento corporal, como rebolar, tremer e estremecer, e outros são casos de movimento fixo no mesmo lugar, que não implicam em deslocamento da entidade movente, mas permitem expressar alguma forma de PERCURSO previsível, como balançar, inclinar e pender.

Abaixo, algumas ocorrências extraídas da obra com os verbos mencionados.

- (08) Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, reboavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras.
- (09) O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia.
- (10) Estremeceu, tentou ver o cocó de sinha Vitória.
- (11) A lama da beira do rio, calcada pelas alpercatas, balançava.
- (12) Encheu a boca de saliva, inclinou-se — e não conseguiu o que esperava.
- (13) Os braços penderam, desanimados.
- (14) Encheu a boca de saliva, inclinou-se — e não conseguiu o que esperava.

Os casos (13a) e (14a), abaixo, evidenciam a possibilidade de adicionar um PERCURSO à construção com inclinar e pender, apesar da ausência de deslocamento. Quanto ao caso de balançar, embora o português brasileiro aceite expressões como “balançar para frente e para trás”, não há ocorrências nos dados.

- (13a) *Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio.*
- (14a) *Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se.*

O outro grupo de verbos de movimento, os verbos de movimento translacional, foram assim classificados por significarem uma entidade movente ao longo de um espaço real ou metafórico, deslocando-se do ponto A ao ponto B. Esse grupo ocorre de forma majoritária na amostra, com 60 dos 87 verbos sendo de movimento translacional. São eles os verbos *adiantar, afastar, alcançar, andar, apear, apressar, arrastar, arredar, arremessar, atirar, atravessar, avançar, baixar, boiar, cair, caminhar, cercar, chegar, correr, cruzar, descer, desviar, dirigir, dobrar, elevar, encaminhar, engatinhar, entrar, escorregar, estender, ir, lançar, levantar,*

*levar, mergulhar, montar, mover, mudar, partir, passar, passear, penetrar, percorrer, prosseguir, recuar, regressar, retirar, rolar, sair, seguir, soltar, subir, tocar, tornar, transpor, trazer, viajar, vir, virar e voltar.* O que todos esses verbos têm em comum é a significação de um deslocamento no espaço entre um ponto A e um ponto B.

Quadro 2 – Distribuição dos verbos por Natureza do Movimento

Natureza de Movimento	Quantidade de verbos na amostra deste estudo
Movimento auto-contido	17
Movimento translacional	60
Ambos	10

Fonte: autoria própria

Como mencionado anteriormente, o português é uma língua preferencialmente *verb-framed*, o que significa que o sentido do movimento costuma estar indicado no próprio verbo, e não em um satélite adjunto a ele, em se tratando da tipologia do evento: dos 60 verbos de movimento translacional, 24 incorporam o PERCURSO, ou seja, é possível aferir algum trecho do PERCURSO (origem, trajeto, destino) do trajeto como nos casos abaixo.

- (15) Quis *recuar* e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda.
- (16) Ergueu-se furioso, *saiu da sala*, trombudo.
- (17) Encontrando resistência, *penetrou num cercadinho* cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral.

Já os casos de incorporação de MANEIRA de deslocamento são 30 no total, e são assim considerados devido à presença de uma preposição que nos indique os trechos do percurso, mas é possível aferir a maneira como o deslocamento acontece. Abaixo, algumas ocorrências que exemplificam.

- (18) *Andavam por* lugares conhecidos.
- (19) Repetia que era natural quando alguém lhe deu um empurrão, *atirou-o contra* o jatobá.
- (20) Não ligava importância à mulher e aos filhos, que o *seguiam*.

O único caso que representa incorporação de MARCO na amostra está em *boiar*, que significa deslocar-se sem controle utilizando uma substância boiável (*ground*) como instrumento.

- (21) *Boiaria no ar*, como um periquito.

Cabe adicionar nessa análise 7 casos particulares, que se destacaram por não apresentar nenhum dos componentes semânticos (22), um único caso em que as semânticas de MANEIRA e PERCURSO estão somadas (23) e um outro em que as semânticas de PERCURSO e MARCO estão somadas em (24).

(22) Dificil *mover-se*, estava amarrado.

(23) *Mergulhou no pelame fofo*, escorregou, tentou em vão segurar-se.

(24) *Trepou-se* no mourão do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus.

Quadro 3 – Distribuição dos verbos por Tipologia do Evento

Tipologia do Evento	Quantidade de verbos na amostra deste estudo
Incorporação de Maneira	24
Incorporação de Percurso	55
Incorporação de Ground	1
Maneira + Percurso	1
Maneira + Ground	1
Nenhum componente incorporado	5

Fonte: autoria própria

Ao observar-se a relação de verbos de movimento auto-contido e a tipologia do movimento, encontra-se uma correlação quase absoluta entre esses verbos e a incorporação da MANEIRA. Isso era esperado uma vez que a tipologia de incorporação de PERCURSO dependeria de ao menos um ponto A e um ponto B, e, de forma similar, o PERCURSO, no trajeto do movimento, costuma ser apresentado como um ponto de referência em relação a uma entidade que se move translacionalmente, o que, novamente, não é o caso em um evento auto-contido. Por essa razão, 16 casos de movimento auto-contidos apresentam incorporação de MANEIRA, e apenas um deles apresenta MANEIRA e MARCO somados.

Já quanto aos casos classificados como movimento translacional, 22 das 60 ocorrências são de incorporação de MANEIRA, 24 das 60 ocorrências são de incorporação do PERCURSO, uma única ocorrência apresenta incorporação de MARCO, e 5 das 60 ocorrências são particulares por apresentarem a combinação de PERCURSO e MANEIRA, de MANEIRA e MARCO, ou por não apresentarem nenhum componente semântico adicional ao evento. Pode-se organizar as informações da análise da seguinte forma:

Quadro 4 – Relação entre a natureza do movimento e a tipologia do evento

Combinações encontradas						
Natureza do Movimento /	Incorporação de Percurso	Incorporação de Maneira	Incorporação de Ground	Maneira+ Percurso	Maneira + Ground	Nenhum component e semântico adicional

Tipologia do Evento						
Self-Contained	-	16	-	-	1	-
Movimento Translocional	24	22	1	1	-	4
Ambos	-	9	-	-	-	1

Fonte: autoria própria

#### 4.2 As construções gramaticais com verbos de incorporação de percurso.

Como indicação na seção 4.1, em *Vidas secas* ocorrem 24 verbos de movimento que incorporam o PERCURSO (*path-incorporating*). Nesta seção, examina-se a instanciação de argumentos desses verbos, dirigindo-se a atenção a possíveis sobredeterminações discursivas na realização desses argumentos. Para a análise que se apresenta aqui, escolheram-se quatro verbos que figuram na discussão tipológica sobre eventos de movimento, são eles: *entrar*, *ir*, *sair* e *vir*. Esses quatro verbos são interessantes na medida em que constroem perspectivas distintas de realização do evento de movimento.

Inicie-se pela análise de dois verbos cuja estrutura semântica denota PERCURSO em sentidos opostos: *ir*, em que a FIGURA se move na direção oposta de um centro dêitico, e *vir*, em que a FIGURA se move em direção a um centro dêitico.

No caso do verbo *ir*, das 17 ocorrências, 13 ocorrências apresentam tanto a FIGURA quanto o PERCURSO. Em todas as 13 ocorrências a FIGURA é expressa por um sujeito humano agente. O PERCURSO é expresso sempre por um sintagma oblíquo, introduzido pelas seguintes preposições: *a* (9 ocorrências), *até* (2 ocorrências), *para* (2 ocorrências). Ilustram esses casos as ocorrências a seguir.

(25) Fabiano *tinha ido* [à feira] da cidade comprar mantimentos.

(26) *Foi* [até a esquina], parou, tomou fôlego.

(27) Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria *ir* [para baixo]?

As ocorrências do verbo *vir* apresentam maior variação na expressão dos elementos componentes do evento de movimento. As ocorrências desse verbo mostram claramente duas tendências: uma de expressão apenas da FIGURA como argumento e, outra, de expressão de outro elemento semântico do evento de movimento por meio de um satélite ou por meio de um advérbio; outra de expressão de dois participantes como argumento, a FIGURA e o PERCURSO.

No primeiro caso, tem-se o caso de construção intransitiva, enquanto no segundo, a construção sujeito-obliquo.

Em (28), vê-se uma instância da construção intransitiva. Ocorre que, nesse enunciado, há também a expressão do componente de MANEIRA por meio do sintagma preposicionado *aos saltos*. De semelhante modo, em (29), tem-se a instância de uma construção intransitiva, no entanto, por meio do advérbio *atrás* expressa-se o PERCURSO.

(28) A cachorra Baleia, [aos saltos], *veio* lambe-lhe as mãos grossas e cabeludas.

(29) A cachorra Baleia, que *vinha* [atrás], incorporou-se ao grupo.

Nas ocorrências encontram-se instâncias da **estratégia sujeito-obliquo**, discutida inicialmente na seção 3.2. O padrão dessa estratégia segue o esquema [SUJEITO *vir*-TAM<sup>16</sup> PREPOSIÇÃO SN], em que o [SUJEITO] expressa a FIGURA e [PREPOSIÇÃO SN] expressa o PERCURSO. É importante destacar esse padrão esquemático porque há variabilidade nas preposições que podem preencher o espaço indicado. No *corpus* deste trabalho, verificaram-se as preposições *a* (5 ocorrências) e *de* (2 ocorrências), como ilustram as ocorrências a seguir.

(30) Quase nunca *vinha* [à fazenda], só botava os pés nela para achar tudo ruim.

(31) O cheiro dele era bom, mas estava misturado com emanações que *vinham* [da cozinha].

Um último caso a ser mencionado é o da ocorrência (32). Nela verifica-se a construção comitativa, na qual a um elemento focal da FIGURA é expresso como sujeito, no caso, nulo por facilidade em recuperá-lo textualmente, e os outros elementos pela expressão comitativa com *com*.

(32) Se tivesse *vido* [com eles], transportaria a bagagem.

O acionamento da **construção comitativa**, nesse caso, não tem a ver com a configuração do evento de movimento propriamente, como foi o caso das construções discutidas até aqui, mas, sim, é uma construção que permite a *construal* dos elementos de FIGURA envolvidos nessa instância de evento.

No que diz respeito ao verbo *entrar*, das 23 ocorrências, 22 são instâncias da **estratégia sujeito-obliquo**. Há uma forte preferência, no universo das ocorrências, pelo padrão de composição [SUJEITO *vir*-TAM *em* SN], como ilustra (33). No total, são 19 ocorrências desse

<sup>16</sup> Tempo-Aspecto-Modo

padrão de composição. As outras três ocorrências expressam-se com a preposição *por*, como ilustra (34).

(33) Precisava *entrar* [em casa], jantar, dormir.

(34) O ar que *entrava* [pelas rachas das paredes] esfriava-lhe uma perna, um braço, todo o lado direito.

De um ponto de vista construcional, é interessante manter distintos os padrões de composição com a preposição *em* e com a *por*, uma vez que cada uma delas perfila diferentes elementos do PERCURSO. A preposição *em* expressa o ponto de chegada, ao passo que a preposição *por* expressa o próprio trajeto.

A ocorrência (35), a seguir, apresenta o mesmo padrão de composição da construção sujeito-obliquo. Ocorre que, como instância discursiva, o enunciado aciona, também, outra construção, a **construção de instanciação nula definida**, na qual um elemento é elidido, mas é possível recuperar, pelo co-texto, qual seja esse elemento (Fillmore, 1986). Nessa ocorrência, o elemento obliquo de instanciação nula é “na igreja”.

(35) Chegaram à igreja, *entraram*.

Há apenas uma ocorrência do verbo *entrar* em construção intransitiva, que aparece em (36). Esse enunciado, no entanto, não constrói o movimento de uma entidade física que se desloca no espaço, mas, sim, constrói a ciclicidade temporal. Tanto é assim que aparecem, nesse enunciado, dois verbos de movimento, *entrar* e *sair*, com o substantivo que denota tempo, *dia*.

(36) *Entrava dia e saía dia*.

O verbo *sair* exibe ainda mais diversidade na sua instanciação. Assim como para os três verbos anteriores, a estratégia sujeito-obliquo é aquela que mais frequentemente se verifica nos enunciados de *sair*. É por meio dessa estratégia que se expressa o PERCURSO com o verbo *sair*. As preposições que se verificam são: *de*, *para* e *por*. Ilustram instâncias dessas estratégias as ocorrências (37) a (39), a seguir.

(37) Mas um dia *sairia* [da toca], andaria com a cabeça levantada, seria homem.

(38) Para ir ao quintal onde havia craveiros e panelas de losna, sinha Vitória *saía* [pela porta da frente], descia o copiar e atravessava a porteira da baraúna.

(39) Foi à sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do caritó o cachimbo e uma pele de fumo, *saiu* [para o copiar].

Diferentemente dos três verbos anteriores, o verbo *sair* se instancia na **construção resultativa**, a qual se forma com um predicado secundário (Himmelmann e Schultze-Berndt, 2005; Croft, 2022), que pode ser expresso por um adjetivo (40) ou por um sintagma preposicionado, funcionando como locução adjetiva, (41).

- (40) O menino *saiu* [indignado] com a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingueiras murchas, à beira da lagoa vazia.
- (41) Tinha nervo, queria brigar, metera-se em espalhafatos e *sáira* [de crista levantada.]

Ocorrências em que o verbo *sair* se instancia em uma construção resultativa têm de ser consideradas como a elaboração do elemento da FIGURA, afinal, nos dois casos exemplares apresentados nas ocorrências (40) e (41), o predicado secundário sublinhado é orientado para a FIGURA. Nesse sentido, não há a expressão lexical ou gramatical de nenhum outro elemento do evento de movimento, apenas da FIGURA.

Assim como o verbo *entrar*, *sair* também se instancia, no discurso, com a omissão do PERCURSO, por meio da **construção de instanciação nula definida**, como se vê em (42). Essa ocorrência é a única, no entanto, em que se verifica esse tipo de fenômeno.

- (42) O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e *saía*.

Diferentemente dos outros três verbos, *sair* se constrói com satélites de MANEIRA expressos por um verbo no gerúndio, uma estratégia que na literatura tipológica se chama **converb** (Haspelmath, 1995, Croft, 2022), termo este que não será traduzido aqui. As duas ocorrências dessa construção se oferecem em (43) e (44), a seguir. A estratégia **converb** se define como um verbo em forma não finita cuja principal função é marcar subordinação (Haspelmath, 1995, p. 3). Na tradição gramatical luso-brasileira, esse tipo de estratégia é, em geral, chamado de **oração adverbial reduzida de gerúndio**, apesar de não haver consenso entre os gramáticos sobre esse tipo de estrutura. Por esse motivo e para manter a coerência terminológica alinhada à tipologia e à gramática de construções, opta-se pelo termo **converb**.

- (43) Nesse ponto Baleia arrebiteou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e *saiu* [correndo].
- (44) A cachorra Baleia *saiu* [correndo] entre os alastrados e quipás, farejando a novilha raposa.

Essa estratégia é uma das que é cooptada, na gramática do português, e das línguas românicas em geral (Slobin, 1996b, 2004a, b), para expressar o elemento MANEIRA. Note-se que, em ambas as ocorrências, o verbo na estratégia **converb** é um verbo de maneira de movimento, *correr*.

Estudos<sup>17</sup> sobre a expressão da maneira de movimento em línguas que se enquadram na tipologia talmiana *verb-framing*, como é o caso do português, desenvolvem o argumento de que essas línguas privilegiam a expressão da maneira por meio da **estratégia converb** (nos termos deste estudo). No entanto, o que se verificou com base nas ocorrências de *Vidas secas*, é que parece haver uma preferência pela expressão da maneira por meio de um satélite, com sintagma preposicionado, como se ilustrou com a ocorrência (28). O *corpus* desta pesquisa, no entanto, é bastante restrito, dada sua natureza, e não permite que se façam generalizações seguras a respeito de frequência. Para isso é necessário que um exame dessa natureza seja conduzido com base em um *corpus* de referência do português.

#### 4.3 As construções gramaticais com verbos de incorporação de maneira

Como a seção 4.1 mostrou, os verbos que incorporam MANEIRA expressam, na raiz, maneira de movimento. Eles são mais numerosos na amostra deste estudo que os verbos que incorporam PERCURSO. Entretanto, o número de ocorrência com esses verbos, no *Vidas secas*, tende a ser baixíssimo. Apenas o verbo *andar* apresenta número expressivo de ocorrências (cf. Quadro 1). Nesta seção discutem-se os verbos *andar* e *correr*.

Diferentemente dos verbos de incorporação de PERCURSO, discutidos na sessão anterior, os quais se distribuem bastante uniformemente na **estratégia intransitiva** e na **estratégia sujeito-obliquo**, os verbos de incorporação de MANEIRA, particularmente os verbos *andar* e *correr*, ocorrem quase que exclusivamente na **estratégia intransitiva**. Isso significa que, pelo menos nas ocorrências de *Vidas secas*, há uma despreferência pela expressão de percurso por meio de um argumento oblíquo com esses verbos que incorporam a maneira à sua raiz. Zubizarreta e Oh (2007), analisando um conjunto de dados do francês, espanhol e italiano, afirmam ser raro que verbos de incorporação de maneira formem sentenças gramaticais sem um complemento que instancia percurso. No entanto, com base nos dados de *Vidas secas*, tem-se exatamente esse tipo de construção com verbos que incorporam MANEIRA.

---

<sup>17</sup> Particularmente Beavers et al. (2009) e as referências citadas nesse artigo.

No caso do verbo *andar*, quando há expressão de PERCURSO, o trajeto pode ser tanto indefinido (45) quanto definido (46) a (48).

- (45) O vaqueiro apertou a cilha e pôs-se a *andar* [em redor], fiscalizando os arranjos, lento.
- (46) Ao regressar, apear-se-ia num pulo e *andaria* [no pátio] assim torto, de pernas, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho.
- (47) Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçarana deviam *andar* [pelas ribanceiras], rondar as moitas afastadas.
- (48) Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles *andassem* [entre as barracas]?

No caso do verbo *correr*, apenas duas ocorrências apresentam a expressão de PERCURSO. Em (49), tem-se um trajeto definido dentro do PERCURSO, que é o ponto de culminância do movimento, *o bebedouro*. Em (50), tem-se um trajeto indefinido. Nesse caso, a expressão *correr mundo* tem interpretação idiomática e, portanto, não pode estar submetida à mesma análise composicional de (49). No caso de (50), ainda, a estratégia não é **sujeito-obliquo**, mas, sim, a **estratégia transitiva**.

- (49) A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo *corria* [para o bebedouro].
- (50) A sina dele era *correr* [mundo], andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante.

Quando há expressão de PERCURSO com o verbo *correr*, as estratégias **sujeito-obliquo** e **transitiva** constroem (no sentido de *construal*) diferentes perspectivas de trajeto. Comparem-se (51) e (52), a seguir.

- (51) Mas no meio do serviço um arrepio *corria*-lhe [no espinhaço], à noite acordava agoniado e encolhia-se num canto da cama de varas, mordido pelas pulgas, conjecturando misérias.
- (52) Fabiano lembrou-se da cachorra Baleia, outro arrepio *correu*-lhe [a espinha], o riso besta esmoreceu.

No caso de (51), a perspectiva do trajeto de *construal* é o próprio trajeto, como se um observador focasse no percurso em si; ao passo que, em (52), a *construal* do trajeto é feita como se o observador tivesse a visão da totalidade do trecho. Essa distinção pode corresponder à telicidade do percurso: em (51) o percurso não acabou; em (52) o percurso é construído como completo. Isso se reflete, também, na preferência pela forma aspectual do verbo, atélica, em (51), e télica, em (52). Aqui tem-se mais um caso em que construções gramaticais interagem

entre si regradamente de modo a compor o significado total do enunciado. A escolha pela forma verbal, tética ou atélica, corresponde à intencionalidade de *construal* por parte do falante, nesse caso, o narrador da obra.

### Considerações finais

Este estudo pretendeu apresentar uma análise dos verbos de movimento em português na moldura teórica da linguística funcional-cognitiva. O exame centrou-se nas ocorrências de verbos de movimento na obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Uma lista prévia com 157 verbos de movimento em português foi aproveitada de Rehfeldt (1980). Desses verbos, 87 ocorreram, pelo menos uma vez, em *Vidas secas*.

A ideia que se desenvolveu é que a moldura teórica da linguística funcional-cognitiva permite que sejam testadas hipóteses propostas no âmbito da tipologia linguística e da semântica cognitiva sobre o funcionamento dos verbos de movimento.

Com base nesse modelo, foram mapeadas diferentes construções gramaticais que instanciam verbos de movimento no português. A análise dessas construções partiu da distinção entre verbos de incorporação de PERCURSO e incorporação de MANEIRA. Os resultados mostram que, para as duas categorias de verbos, há uma preferência pela **construção intransitiva** e pela **construção sujeito-obliquo** (cf. Croft, 2022), sendo essa última responsável pela construção de diferentes aspectos do elemento PERCURSO do evento de movimento. Esse resultado vai na contramão da indicação de Croft (2022), segundo a qual essa construção estaria restrita à instanciação de predicções com verbos de incorporação de PERCURSO.

Um resultado importante deste estudo diz respeito ao procedimento metodológico de análise das construções gramaticais, tal como se desenvolveu especialmente nas seções 4.2 e 4.3. Já é fato estabelecido na Linguística Cognitiva que as construções gramaticais e as operações de *construal* interagem entre si na composição de enunciados e de textos. No entanto, como bem indicam Croft e Cruse (2004), pouco se sabe a respeito dos mecanismos que gerenciam a interação entre esses diversos componentes.

Este estudo mostrou que diferentes construções gramaticais interagem com a estratégia intransitiva e a estratégia sujeito-obliquo na expressão dos eventos de movimento. Essa interação entre construções pode ter a finalidade tanto de elaboração de algum elemento semântico do evento de movimento em si, quanto de organização do discurso. No primeiro caso, por exemplo, se o falante deseja operar com a *construal* da FIGURA, ele pode recrutar a construção comitativa. Essa construção não requer a expressão de nenhum elemento do evento

de movimento a não ser a FIGURA. No segundo caso, se, na organização do discurso coerente, o falante deseja negociar a expressão e a omissão de elementos, o falante pode recrutar a **construção de instanciação nula definida**. Essa construção não altera o número de argumentos instanciados no enunciado, ela regula a omissão desses argumentos.

Além disso, ao observar a sistematicidade entre os diferentes componentes semânticos que os verbos de movimento comportam, e de que maneira o uso discursivo influencia em suas formas de expressão, propõe-se tratar as predicções com verbos de movimento como **Construção Predicação de Evento de Movimento (CPEM)**, a fim de dar conta dos eventos encontrados na amostra.

As análises sobre verbos de movimento que se oferecem na literatura tendem a olhar isoladamente para os elementos do evento de movimento e o seu modo de expressão nas línguas (exceção a essa prática são os estudos de Slobin). Essa prática é absolutamente legítima se o que se deseja é estabelecer tipologias amplas sobre as línguas do mundo. Em contrapartida, a perspectiva adotada neste estudo, uma perspectiva integradora, permite ao analista considerar, em interface, todos os elementos do evento de movimento e sua expressão, uma vez que o território de análise são as próprias instâncias desses verbos, que é o próprio discurso.

Diante disso, o rescaldo da proposta é que o funcionamento dos verbos de movimento tem de ser escrutinado não só pela sua dimensão tipológica, mas também pela sua dimensão discursiva, isto é, pelo seu funcionamento dentro da materialidade textual em que foi produzido.

## Referências

AMARAL, Luana Lopes. *Os predicados primitivos ACT e DO na representação lexical dos verbos*. 2013. 92f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ASKE, Jon. Path predicates in English and Spanish: a closer look. *In: Proceedings of the Fifteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 1-14, 1989.

BARTORÉO, Hanna; FERRARI, Lilian. Events of motion and talmyan typology: verb-framed and satellite-framed patterns in Portuguese. *Constructional Semantics*, [S. l.], v. 2, p. 59-79, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1163/23526416-00201004>.

BEAVERS, John; LEVIN, Beth; THAM, Shiao Wei. The typology of motion expressions revisited. *Journal of Linguistics*, v. 46, p. 331-377, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022226709990272>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-linguistics/article/abs/typology-of-motion-expressions-revisited1/BBA098AA84F85AD59259E93137EC8B6D>. Acesso em: 7 jun. 2025.

BERMAN, Ruth. The psycholinguistics of developing text construction. *Journal of Child Language*, Cambridge, v. 35, n. 4, p. 735-771, 2008. DOI:

<https://doi.org/10.1017/S0305000908008787>. Disponível em:  
<https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-child-language/article/abs/psycholinguistics-of-developing-text-construction/CBDA07BC739BF6774DFC2C312A0BC682>. Acesso em: 7 jun. 2025.

BERMAN, Ruth; SLOBIN, Dan. *Relating events in narrative: a crosslinguistic developmental study*. New York: Routledge, 1994.

CHAFE, Wallace. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: LI, Charles N. (org.) *Subjects and topics*. New York: Academic Press, 1976, p. 25-56.

CHAFE, Wallace. Creativity in verbalization and its implications for the nature of stored knowledge. In: FREEDLE, Roy O. (org.) *Discourse processes: advances in research and theory*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1977, p. 41-56.

CHAFE, Wallace. *Discourse, consciousness and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: Chicago University Press, 1994.

CHAFE, Wallace. Putting grammaticalization in its place. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (org.) *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 395-412.

CHAFE, Wallace. The relation of grammar to thought. In: BUTLER, Christophere S.; GÓMEZ-GONZÁLEZ; Maria de los Ángeles; DOVAL-SUÁREZ, Susana (orgs.) *The dynamics of language use*. Amsterdam: John Benjamins: 2005, p. 57-78.

CLARK, Herbert H. *Using language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.

CONEGLIAN, André Vinícius Lopes; CROFT, William. Ten lectures on construction grammar and typology. Leiden/Boston: Brill, 2020. *Revista do GEL*, v. 18, n. 1, p. 249–257, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v18i1.3106>. Disponível em: Acesso em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3106>. 7 jun. 2025.

CONEGLIAN, André Vinícius Lopes; TRUZZI DE OLIVEIRA, Pedro Henrique. Dataset com verbos de movimento em "Vidas secas", de Graciliano Ramos. [Data set]. Zenodo. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15376410>. Acesso em: 09 maio 2025.

CROFT, William. *Radical construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam (orgs.) *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2004, p. 273-310.

CROFT, William. *Ten lectures on construction grammar and typology*. Boston: Brill, 2020.

CROFT, William. *Morphosyntax: constructions of the world's languages*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2022.

CROFT, William; CRUSE, D. Allan. *Cognitive linguistics*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, William et al. Revising Talmy's typological classification of complex events. BOAS, Hans (org.). *Contrastive construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 201-235.

DABROWKSA, Ewa. Cognitive linguistics' seven deadly sins. *Cognitive Linguistics*, v. 27, n. 4, p. 479-491, 2016.

DUBOIS, John. Motivating competitions. In: MACWHINNEY, Brian; MALCHUKOV, Andrej; MORAVICSIK (orgs.). *Competing motivations in grammar and usage*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 263-281.

ENFIELD, Nick J. Language entails linguistic relativity. *Topics in Cognitive Science*, v. 15, Special Edition, p. 683-687, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1111/tops.12685>. Disponível em: Acesso em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/tops.12685>. 7 jun. 2025.

FERRARI, Lilian. Gramática cognitiva e conceptualização do espaço: a construção [IR PREP SN(LOC)] no português brasileiro. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de (orgs.) *Articulação do espaço no português: uma abordagem cognitivista, funcionalista e construcional*. Campinas: Pontes Editores, 2024, p. 59-82.

FILLMORE, Charles J. Pragmatically Controlled Zero Anaphora. In: *Proceedings of the 12<sup>th</sup> Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, p. 95-107, 1986. DOI : <https://doi.org/10.3765/bls.v12i0.1866>.

GIVÓN, Talmy. Typology and functional domains. *Studies in Language*, v. 5, n. 2, p. 163-193, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1075/sl.5.2.03giv>. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/sl.5.2.03giv>. Acesso em: 7 jun. 2025.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HASPELMATH, Martin. The converb as a cross-linguistic valid category. In: HASPELMATH, Martin; KÖNIG, Ekkehard (orgs.). *Converbs in cross-linguistic perspective: structure and meaning of adverbial forms – adverbial participles, gerunds*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995, p. 1-56.

HIMMELMANN, Nikolaus; SCHULTZE-BERNDT, Eva. Issues in the syntax and semantics of participant-oriented adjuncts. In: HIMMELMANN, Nikolaus; SCHULTZE-BERNDT, Eva. (orgs.). *Secondary predication and adverbial modification*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 1-68.

KOPECKA, Anetta; NARASIMHAN, Bhuvana (orgs.) *Events of putting and taking: a cross-linguistic perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

LANGACKER, Ronald. *Fundamentals of cognitive grammar*. Stanford: CSLI Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. Assessing the cognitive linguistics enterprise. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela (orgs.) *Cognitive linguistics: foundations, scope, and methodology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999, p. 13-60.

LEHMANN, Christian. A gramática funcional. *Gavira Letras*, Três Lagoas, v. 13, n. 1, p. 7-22, 2011.

LEVIN, Beth. *English verb classes*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1993.

LEVINSON, Stephen C. *Space in language and cognition: explorations in cognitive diversity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

LUKASSEK, Julia *et al.* The semantic processing of motion verbs: coercion or underspecification? *Journal of Psycholinguistics Resources*, v. 46, p. 805-825, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10936-016-9466-7>. Disponível em: Acesso em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10936-016-9466-7>. 7 jun. 2025.

- MACWHINNEY, Brian. Can our experiments illuminate reality? In: GERSHKOFF-STOWE, Lisa; RAKISON, David H. (orgs.) *Building object categories in developmental time*. London: Lawrence Earlbaum Associate, 2005, p. 301-308.
- MAJID, Asifa *et al.* Event categorization: a cross-linguistic perspective. *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, v. 26, p. 885-890, 2004. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/4bb4w5jm>. Acesso em: 08 jan 2025.
- MAJID, Asifa; BOWERMAN, Melissa; VAN STADEN, Miriam; BOSTER, James S. The semantic categories of cutting and breaking events: a cross-linguistic perspective. *Cognitive Linguistics*, v. 18, n. 2, p. 133-152, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/COG.2007.005>. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/COG.2007.005/html>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- MALT, Barbara. Words, thoughts, and brains. *Cognitive Neuropsychology*, v. 37, p. 241-253, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/02643294.2019.1599335>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30964738/>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- MEIRELLES, Leticia Lucinda. *Os verbos de movimento no português brasileiro*. 2016. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- MODOLO, Marcelo; CONEGLIAN, André Vinícius Lopes. Dez livros para conhecer funcionalismo em linguística. In: FARIA, J. R. G. (org.) *Guia bibliográfico da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Publicações FFLCH, vol. 1, p. 1-29, 2020.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [2000].
- NEWMAN, John. (org.) *The linguistics of giving*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.
- NEWMAN, John. (org.) *The linguistics of sitting, standing and lying*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- NEWMAN, John. (org.) *The linguistics of eating and drinking*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- NUYTS, Jan. Cognitive linguistics and functional linguistics. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hurbert (orgs.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 543-565.
- PINHEIRO, Diogo; FERRARI, Lilian. Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 15, Edição Comemorativa, p. 595-621, 2020.
- RADEMAKER, Alexandre *et al.* Universal Dependencies for Portuguese. In: MONTEMAGNI, Simonetta; NIVRE, Joakim (orgs.) *Proceedings of the fourth International Conference on Dependency Linguistics (Depling2017)*. Linköping University Electronic Press, p. 197-206, 2017. Disponível em: <https://aclanthology.org/W17-6523.pdf>, acessado em: 08 jan. 2025.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 107ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

- REHFELDT, Gládis. *Polissemia e campo semântico: estudo aplicado aos verbos de movimento*. Porto Alegre: Editora da URGs, 1980.
- SLOBIN, Dan. From ‘thought and language’ to ‘thinking for speaking’. In: GUMPERZ, John; LEVINSON, Stephen C. (orgs.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996(a), p. 70-96.
- SLOBIN, Dan. Two ways to travel: verbs of motion in English and Spanish. In: SHIBATANI, Masayoshi; THOMPSON, Sandra (orgs.) *Grammatical constructions: their form and meaning*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996(b), p. 195-220.
- SLOBIN, Dan. Mind, code and text. In: BYBEE, Joan; HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra (orgs.) *Essays in language function and language type*. Amsterdam: John Benjamins, 1997, p. 437-468.
- SLOBIN, Dan. The many ways to search for a frog. Linguistic typology and the expression of motion events. In: STRÖMQVIST, Sven; VERHOEVEN, Ludo (orgs.) *Relating events in narrative: typological and contextual perspectives*. London: Lawrence Earlbaum Associate, 2004(a), p. 219-258.
- SLOBIN, Dan. Relating events in translation. In: RAVID, Dorit; SHYLDKROT, Hava. (orgs.) *Perspectives on language and language development*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004(b), p. 115-130.
- SLOBIN, Dan. What makes manner of motion salient? Explorations in linguistic typology, discourse and cognition. In: HICKMAN, Maya; ROBERT, Stéphane (orgs.) *Space in languages: linguistic systems and cognitive categories*. Amsterdam: John Benjamins, 2006, p. 59-81.
- STRAKA, Milan; HAJIC, Jan; STRAKOVÁ, Jana. UDPipe: Trainable pipeline for processing CoNLL-U files performing tokenization, morphological analysis, POS tagging and parsing. In: CALZOLARI, Nicoletta et al. (orgs.) *c (LREC’16)*. European Language Resources Association, p. 4290-4297, 2016. Disponível em: <https://aclanthology.org/L16-1680.pdf>. Acessado em: 08 jan. 2025.
- TALMY, Leonard. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, Timothy (org.) *Language typology and syntactic description*. Vol III – Grammatical categories and the lexicon. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985, p. 57-149.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Vol 2 – Typology and processes in concept structuring. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000.
- TALMY, Leonard. Lexical typologies. In: SHOPEN, Timothy (org.) *Language typology and syntactic description*. Vol III – Grammatical categories and the lexicon. 2a ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007, p. 66-168.
- TOMASELLO, Michael. *First verbs: a case study of early grammatical development*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1992.
- TOMASELLO, Michael. Introduction: A cognitive-functional perspective on language structure. In: TOMASELLO, Michael. (org.) *The new psychology of language*. London: Lawrence Earlbaum Associate, 1998, p. vii-xxiii.
- TOMASELLO, Michael. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2005.

ZUBIZARRETA, Maria Luisa; OH, Eunjeong. *On the syntactic composition of manner and motion*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2007.

*Recebido em 09 de janeiro de 2025*

*Aceito em 01 de junho de 2025*

**Apêndice – Lista de verbos de movimento em português, segundo Rehfeldt (1980)**

- |                     |                     |                      |                  |
|---------------------|---------------------|----------------------|------------------|
| 1. Abaixar          | 48. Deslocar(-se)   | 95. Passear          | 142. Tremer      |
| 2. Abalançar        | 49. Desmontar       | 96. Pender           | 143. Tremular    |
| 3. Abalar           | 50. Desviar         | 97. Penetrar         | 144. Tregar      |
| 4. Abanar           | 51. Dirigir(-se)    | 98. Percorrer        | 145. Ultrapassar |
| 5. Acelerar         | 52. Discorrer       | 99. Perpassar        | 146. Vacilar     |
| 6. Adejar           | 53. Distorcer       | 100. Precipitar(-se) | 147. Vagar       |
| 7. Adiantar         | 54. Divagar         | 101. Prosseguir      | 148. Vaguear     |
| 8. Afastar(-se)     | 55. Dobrar          | 102. Pular           | 149. Vergar      |
| 9. Alcançar         | 56. Elevar(-se)     | 103. Rastejar        | 150. Viajar      |
| 10. Alçar           | 57. Encaminhar(-se) | 104. Rebolar         | 151. Vibrar      |
| 11. Andar           | 58. Entrar          | 105. Rebolcar        | 152. Vir         |
| 12. Apartar(-se)    | 59. Engatinhar      | 106. Rebolar         | 153. Virar       |
| 13. Apear(-se)      | 60. Entortar        | 107. Rebolir         | 154. Vogar       |
| 14. Apressar        | 61. Equilibrar(-se) | 108. Recuar          | 155. Voltar      |
| 15. Apressurar      | 62. Escorregar      | 109. Regressar       | 156. Voltar      |
| 16. Arrastar        | 63. Estender(-se)   | 110. Remexer         | 157. Volver      |
| 17. Arredar         | 64. Estremecer      | 111. Retirar         |                  |
| 18. Arremessar      | 65. Esvoaçar        | 112. Retornar        |                  |
| 19. Arrojar         | 66. Flexionar(-se)  | 113. Revoar          |                  |
| 20. Ascender        | 67. Fluir           | 114. Revolver        |                  |
| 21. Atalhar         | 68. Flutuar         | 115. Revolver(-se)   |                  |
| 22. Atirar          | 69. Galgar          | 116. Revolutear      |                  |
| 23. Atingir         | 70. Gingar          | 117. Roçar           |                  |
| 24. Atirar          | 71. Girar           | 118. Rocegar         |                  |
| 25. Atravessar      | 72. Guiar(-se)      | 119. Rodar           |                  |
| 26. Avançar         | 73. Inclinare(-se)  | 120. Rodopiar        |                  |
| 27. Baixar          | 74. Investir        | 121. Rolar           |                  |
| 28. Balançar        | 75. Ir              | 122. Sacudir         |                  |
| 29. Bambaleiar(-se) | 76. Irromper        | 123. Sair            |                  |
| 30. Bambolear(-se)  | 77. Lançar(-se)     | 124. Saltar          |                  |
| 31. Boiar           | 78. Levantar(-se)   | 125. Saltitar        |                  |
| 32. Cair            | 79. Levar           | 126. Saracotear      |                  |
| 33. Cambaleiar      | 80. Marchar         | 127. Seguir          |                  |
| 34. Cambar          | 81. Menear          | 128. Serpear         |                  |
| 35. Caminhar        | 82. Mexer           | 129. Sobrenadar      |                  |
| 36. Cercar(-se)     | 83. Montar          | 130. Soltar          |                  |
| 37. Chegar          | 84. Mover           | 131. Subir           |                  |
| 38. Cingir          | 85. Movimentar(-se) | 132. Titubear        |                  |
| 39. Circular        | 86. Mudar           | 133. Tocar           |                  |
| 40. Circundar       | 87. Nadar           | 134. Torcer          |                  |
| 41. Correr          | 88. Navegar         | 135. Tornar          |                  |
| 42. Cruzar          | 89. Ondear          | 136. Transcorrer     |                  |
| 43. Curvar(-se)     | 90. Ondular         | 137. Transcursar     |                  |
| 44. Dançar          | 91. Oscilar         | 138. Transir         |                  |
| 45. Descavalgar     | 92. Pairar          | 139. Transitar       |                  |
| 46. Descer          | 93. Partir          | 140. Transpor        |                  |
| 47. Deslizar        | 94. Passar          | 141. Trazer          |                  |